

AS IMAGENS COMO FONTE DE PESQUISA NOS ESTUDOS CULTURAIS: UM CONVITE A NOVOS PROBLEMAS E OUTRAS PRÁTICAS

Joyce Otânia Seixas RIBEIRO
Professora da Universidade Federal do Pará

Resumo: *O artigo tem como objetivo refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade atual, em especial no terreno cultural, através da mídia. Essas transformações geram novos problemas e novas teorizações, entre as quais os Estudos Culturais. Assim, resalto os aspectos teóricos e metodológicos dos Estudos Culturais, para, em seguida, abordar o foco central de minha preocupação: o processo de codificação e interpretação dos significados das imagens midiáticas. Para analisar o referido processo, apresento duas ferramentas analíticas: o alfabetismo crítico e o modo de enquadramento. As imagens constroem subjetividades e identidades, logo, urge considerá-las enquanto objeto de investigação, formulando indagações que orientem a sua desconstrução.*

Considerações Iniciais

Com este artigo pretendo oferecer algumas contribuições ao debate sobre a relação entre os contornos dos dias atuais, os Estudos Culturais e a produção e a distribuição de imagens, dando especial enfoque à centralidade da cultura e mais especificamente a cultura midiática e a necessidade de tomar as imagens como fonte de pesquisa. Início com uma caracterização do panorama atual que é considerado contexto gerador de uma infinidade de mudanças, particularmente no terreno cultural, velozmente alterado pela mídia. Aqui, compartilho das posições de Fredric Jameson (1997), Jean-François Baudrillard (1995) e Edward P. Thompson (1995), quando argumentam, cada um ao seu modo, que no momento presente a centralidade da cultura é notável, tendo sido proporcionada pelos avanços tecnológicos que, através da mídia, impõem novas formas de sociabilidade, via imagens. A este novo panorama social correspondem novas teorias que buscam dar respostas aos problemas

emergentes. Ao discutir a emergência de uma nova racionalidade científica, Boaventura S. Santos (1999) argumenta que o paradigma científico hegemônico se encontra imerso em uma aguda crise e que os contornos de uma nova ordem científica pautada em novos princípios, entre os quais o resgate do sujeito e a pluralidade metodológica, estão em vias de consolidação, sendo o momento presente designado de transição paradigmática.

Dente as várias teorizações que transitam no campo das ciências sociais e humanas, situo os Estudos Culturais enquanto aporte teórico-metodológico capaz de fornecer possíveis pistas para análise e compreensão de alguns dos problemas deste tempo. Assim, ainda que de forma abreviada, trago a concepção de Estudos Culturais, assim como o duplo caminho metodológico a que este pode levar.

Considero os Estudos Culturais como possibilidade para compreensão dos problemas da sociedade ocidental, dada a centralidade da cultura, em que as imagens são produzidas, distribuídas e reproduzidas. É preciso, pois, desconstruí-las, já que estas não são artefatos inocentes e neutros; contrariamente, as imagens possuem uma intencionalidade, ou seja, moldam identidades e subjetividades através do repasse de seus valores. Argumento que as imagens produzem, distribuem e reproduzem significados culturais e é preciso decifrá-los, interpretá-los e criticá-los. Para tal empresa recorro a duas ferramentas analíticas de desconstrução de imagens: o alfabetismo crítico e o modo de endereçamento.

1 - O Panorama Atual

O panorama sócio-econômico sofreu uma infinidade de alterações que se refletem fundamentalmente em um processo de mudança, no qual a cultura ocupa lugar central, dando vazão ao surgimento de inovações técnicas relacionadas à produção e à reprodução cultural. Estes fatores transformam o cotidiano e orientam as críticas à modernidade. Considero o desenho de um novo mapa cultural, definido pela ênfase na diversidade e na proliferação alargada de signos, em que a mídia ocupa lugar de destaque. Este novo ambiente cultural é produto do terceiro estágio do capitalismo, designado de capitalismo tardio, em que, no plano da cultura, o consumo de imagens é personalizado. Conseqüentemente, são produzidas uma infinidade de imagens culturais, com certa intencionalidade, por especialistas que atuam neste

novo espaço. Esta afirmação pode ser constatada a partir da argumentação a seguir:

O surgimento da comunicação de massa, e especialmente o surgimento da circulação em massa de jornais no século XIX e a emergência da difusão por ondas no século XX, teve um impacto profundo no tipo de experiências e nos padrões de interação característicos das sociedades modernas. Para a maioria das pessoas hoje, o conhecimento que nós temos das coisas que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa percepção das formas simbólicas mediadas pela mídia (Thompson, 1995, p. 285).

O que é possível inferir a partir dessa passagem é que a chegada das mais variadas modalidades de mídia transformou as experiências e formas de interação nas sociedades modernas, cada vez mais eletronicamente mediadas. Acerca disso, Baudrillard afirma que a esfera cultural experimenta uma certa autonomia diante da esfera econômica, através do triunfo da cultura da representação, integrante de uma sociedade que Baudrillard denomina de sociedade simulacional, onde as imagens e os signos são alçados ao patamar de própria realidade. Na medida em que se prefere a beleza e o encantamento das imagens, tem-se a hiper-realidade. Nela, as imagens (dos filmes, computadores, novelas) do último modelo de carro, de sapatos, de roupas e outros bens de consumo, aos olhos de quem os contempla, são mais fascinantes e perfeitas que o próprio referente. Nesse contexto, o poder está sendo moldado em signos e aparências, no significado. Por conta disso, ao analisar os meios de comunicação de massa, Baudrillard desconsidera seu potencial libertador, ou seja, não acredita na resistência coletiva, afirmando que uma sociedade caracterizada pelo consumo, pela comunicação de massa, "não nos fornece a realidade, mas a vertigem da realidade" (1995, p. 24), levando-o a afirmar que o real deixou de ser real.

A partir deste mapa sócio-cultural, o panorama atual da pesquisa na comunidade educacional crítica tem se mostrado bastante complexo, haja vista a introdução de uma multiplicidade de referências teórico-metodológicas, na tentativa de responder às novas demandas teóricas e práticas. Apesar dos paradigmas contemporâneos permanecerem orientando a maioria das pesquisas nas ciências sociais e humanas, cresce a influência de novas teorizações, devido aos contornos incertos e

novo espaço. Esta afirmação pode ser constatada a partir da argumentação a seguir:

O surgimento da comunicação de massa, e especialmente o surgimento da circulação em massa de jornais no século XIX e a emergência da difusão por ondas no século XX, teve um impacto profundo no tipo de experiências e nos padrões de interação característicos das sociedades modernas. Para a maioria das pessoas hoje, o conhecimento que nós temos das coisas que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa percepção das formas simbólicas mediadas pela mídia (Thompson, 1995, p. 285).

O que é possível inferir a partir dessa passagem é que a chegada das mais variadas modalidades de mídia transformou as experiências e formas de interação nas sociedades modernas, cada vez mais eletronicamente mediadas. Acerca disso, Baudrillard afirma que a esfera cultural experimenta uma certa autonomia diante da esfera econômica, através do triunfo da cultura da representação, integrante de uma sociedade que Baudrillard denomina de sociedade simulacional, onde as imagens e os signos são alçados ao patamar de própria realidade. Na medida em que se prefere a beleza e o encantamento das imagens, tem-se a hiper-realidade. Nela, as imagens (dos filmes, computadores, novelas) do último modelo de carro, de sapatos, de roupas e outros bens de consumo, aos olhos de quem os contempla, são mais fascinantes e perfeitas que o próprio referente. Nesse contexto, o poder está sendo moldado em signos e aparências, no significado. Por conta disso, ao analisar os meios de comunicação de massa, Baudrillard desconsidera seu potencial libertador, ou seja, não acredita na resistência coletiva, afirmando que uma sociedade caracterizada pelo consumo, pela comunicação de massa, "não nos fornece a realidade, mas a vertigem da realidade" (1995, p. 24), levando-o a afirmar que o real deixou de ser real.

A partir deste mapa sócio-cultural, o panorama atual da pesquisa na comunidade educacional crítica tem se mostrado bastante complexo, haja vista a introdução de uma multiplicidade de referências teórico-metodológicas, na tentativa de responder às novas demandas teóricas e práticas. Apesar dos paradigmas contemporâneos permanecerem orientando a maioria das pesquisas nas ciências sociais e humanas, cresce a influência de novas teorizações, devido aos contornos incertos e

complexos do tempo presente, já que este apresenta uma infinidade de novos temas e problemas para estudos e investigações, como a cultura midiática e seus significados.

Mas que teorizações são estas? Que novos problemas são estes?

Ainda que estas teorizações não sejam consideradas paradigmas – talvez seja mais apropriado denominá-las discursos e/ou narrativas –, têm sido cada vez mais utilizadas na pesquisa e na produção acadêmica, especialmente no debate educacional. Estas teorizações são denominadas de teorias pós-críticas e entre elas estão, entre outras, o pós-modernismo, o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e os Estudos Culturais.

Quando afirmo que as teorias pós-críticas não são consideradas paradigmas, quero dizer que não há aceitação de seus princípios, devido a sua multiplicidade, ambigüidade e proposital assistemática. Ainda que não haja consenso em relação a essas teorias, seus defensores(as) apostam na sua relevância e contribuição em direção a uma maneira inovadora de conceber a pesquisa e o papel do(a) pesquisador(a).¹ O panorama atual em que a pesquisa está envolvida é, então, bastante complexo, devido à suposta crise do modelo de racionalidade científica instalada, configurando-se, segundo Santos (1999), na crise do paradigma hegemônico, ocasionada por este se encontrar pautado em pilares frágeis, entre os quais a distinção entre saber científico e senso comum e entre natureza e pessoa humana. A crise leva à busca de novos e diferentes caminhos, o que, por sua vez, tem proporcionado “uma multiplicidade de procedimentos, técnicas, pressupostos e lógicas de investigação” (Alves-Mazzotti & Gewandszajder, 2002, p. 144). Apesar das incertezas e desta multiplicidade de caminhos, não reside aí a irracionalidade, contrariamente, este é para Santos

o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas antes criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convenientes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho de outras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada (1999, p. 35).

¹ Sobre os novos contornos da pesquisa científica e do papel do sujeito, ver: SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre as Ciências*. 11. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

Este otimismo, esta pluralidade de que o autor fala acima, é, por assim dizer, responsável pelo anúncio do futuro científico, mesmo que este seja especulativo, e por contar com a resistência de muitos segmentos da comunidade científica. A despeito disso, hoje, circulam variadas teorias e multimetodologias no campo da investigação. Dentre as teorias citadas anteriormente, trato aqui unicamente dos Estudos Culturais, anunciando brevemente seus aspectos teóricos e desdobramentos metodológicos.

2 – Os Estudos Culturais: aspectos teóricos e desdobramentos metodológicos

As pesquisas desenvolvidas no campo educacional, especialmente no campo curricular, vêm sendo paulatinamente orientadas pelos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais constituem-se em uma tradição intelectual e política de análise cultural de origem britânica, cujo objetivo é identificar as articulações e relações entre cultura e sociedade. Os Estudos Culturais promovem o descentramento da análise de classe, voltando sua preocupação para a relação entre cultura, conhecimento e poder. Partindo da concepção de cultura como forma de vida e ampliando-a para a noção de território de contestação, campo de lutas por imposição de significados, considera como objeto de análise cultural toda a gama de práticas e significados culturais.² Além de se configurar enquanto crítica direcionada para uma mudança cultural, inclui decisivamente a prática de intervenção cultural no processo de mudança. O trabalho cultural é, portanto, politicamente comprometido, não havendo espaço para a neutralidade.

A investigação a partir dos Estudos Culturais possui duas frentes: uma atua em áreas como o cinema e a literatura, cujo procedimento mais utilizado é a análise semiológica;³ e outra que atua no âmbito do

² Os significados não se reduzem a manifestações individuais da consciência, mas vinculam-se a relações de poder e dominação, o que gera constantes lutas e conflitos entre os grupos que produzem significados sociais – firmas, sexos, étnicos, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, imagens, sons, valores, crenças, atitudes, comportamentos, hábitos – e lutam para impô-los. Estes grupos são constituídos por mulheres, crianças, jovens, comunidade negra, pessoas da terceira idade, povos ribeirinhos, povos indígenas, pessoas portadoras de necessidades especiais – físicas e mentais.

³ Para uma aproximação teórica sobre análise semiológica, veja-se: STURINATI, Dominic. *Cultura Popular: uma abordagem*. São Paulo: Hedra, 1999.

desporto e das subculturas, priorizando as investigações de terreno através da etnografia. Interessa, para o momento, a primeira. Ressalto que não é minha intenção esclarecer acerca dos fundamentos teórico-metodológicos da análise semiológica, mas tão somente evidenciar a necessidade de considerar as imagens enquanto fonte para novas e promissoras pesquisas.

A partir dos Estudos Culturais na perspectiva pós-estrutural, não há uma verdade universal anunciada a partir da leitura crítica das imagens. O que há é uma possibilidade, um novo modo de ser e conceber o conhecimento. As novas opções investigativas em educação pertencem a uma outra ordem de eventos com suas especificidades e seus significados, concorrendo para o encontro com o transitório, o incerto, o que pode possibilitar novas perspectivas para a compreensão da complexidade e da perplexidade que envolvem esta nova era.

3 – Imagens: artefato cultural e objeto de investigação

Atualmente a sociedade ocidental está centrada na cultura da imagem, em que estas são produzidas, distribuídas e reproduzidas. As imagens acompanham as pessoas constantemente, cotidianamente, tomando-se familiares. É preciso, então, que o familiar seja estranhado, desconstruído. Esta necessidade – e por que não dizer exigência em torno da imagem? – se dá devido a esta não ser artefato inocente e neutro, desprovido de intencionalidade, pois a mídia “não apenas vende seus produtos, mas também seus valores, suas imagens e suas identidades, os quais basicamente visam a ensinar os jovens a serem consumidores” (Giroux, 2003, p. 129). Estas imagens são socialmente construídas em meio a relações de poder e, portanto, expressam interesses, modelam comportamentos, subjetividades e identidades.

O que quero afirmar é que as imagens são parte integrante de uma política cultural com objetivos definidos, produzindo e reproduzindo significados culturais através de uma política de significação. As imagens produzidas estão saturadas de significados, logo, “é preciso decifrar, interpretar e criticar as imagens (...) que saturam nossa cultura” (Kellner, 1995, p. 111). Estes significados não são produzidos de forma isolada, mas são resultados de relações, sistemas, e, uma vez organizados, refletem marcas lingüísticas materiais. A mídia, através de anúncios, publicidade, filmes, desenhos, revistas, *ontdeors* etc., foi transformada no discurso público dominante do final do século passado, através de

suas mercadorias, estilos de vida e papéis de gênero. As imagens distribuídas possuem uma pedagogia, possuem uma nova economia do afeto e do desejo, capazes de ensinar às pessoas o que devem pensar, desejar e fazer; ensinam, ainda, valores, idéias, bem como modelam comportamentos desejáveis socialmente. Entretanto a

produtividade das práticas de significação é função, entre outras coisas, do cardier indeterminado, aberto, lucerto, incerto da atividade lingüística, da atividade de produção de sentido. Se o processo de significação girasse sempre em torno dos mesmos significados e se os significantes fossem fixos, se as marcas lingüísticas que utilizamos estivessem vinculadas a significados inequívocos, não haveria, na verdade, processo de significação. Os significados estariam dados de uma vez para sempre e os signos, os significantes, apontariam para significados autôcos, certos, singulares (Silva, 1999, p. 20).

Em não sendo fixos, os significados podem ser desnaturalizados, contestados, apesar do aparato que é colocado em funcionamento, buscando ocultar as marcas que naturalizam o mundano, o material.

A cultura imagética contemporânea, por se assentar no significado que é cambiante, fragmentário e volátil, possuindo, portanto, uma riqueza de sentidos, exige atenção redobrada e permanente, assim como um sofisticado processo de decodificação e interpretação. Para dar conta de tal processo, é possível, dentre outras formas de análise, lançar mão de duas ferramentas analíticas: o alfabetismo crítico e o modo de endereçamento.

Kellner denomina de alfabetismo crítico a leitura e interpretação crítica de imagens, buscando evidenciar suas implicações políticas e culturais, pois, apesar de aparentemente ingênuas, têm muito a ensinar. É preciso revelar a autoridade cultural das imagens, pois o que aí está em jogo são os significados acerca de gênero, etnia, nação, sexualidade, corpo etc.

O alfabetismo crítico é uma exigência para a educação neste século XXI, devido às imagens influenciarem profundamente a cultura infantil:

A indústria de filmes de Hollywood, a televisão, as tecnologias de difusão por satélite, a internet, pôsteres, revistas, outdoors, jornais, vídeos e outras formas de mídia e tecnologias transformam a cultura em uma força fundamental (Giroux, 2003, p. 128).

Atentar para esta força fundamental é tarefa de todas as pessoas envolvidas com a educação das crianças, pois, através de sua política de significação, as imagens informam os comportamentos, disciplinam as práticas sociais cotidianamente, condicionando os mais íntimos desejos e percepções. As imagens podem repassar múltiplos significados sobre a sexualidade feminina e a masculina, a classe trabalhadora, a revolução, a cultura popular, os grupos étnicos, as ideologias, o consumo; sobre como ser mulher, ser homem, ser criança, ser branco, ser negro; sobre os líderes políticos, as greves, os massacres, as guerras; enfim, sobre todo e qualquer acontecimento, objeto, pessoa, idéia ou comportamento. E, se assim é, as imagens constituem-se no que Giroux denomina de força educativa substancial.

O exame precisa ser cuidadoso e redobrado, especialmente entre educadores e educadoras, quando o que está em jogo é a política da inocência da empresa Disney, que, através do entretenimento e da diversão, desenvolve modelos de educação que influenciam o modo de ser de crianças e jovens, moldando a memória pública e as identidades.

Ao considerar a mídia e as imagens por ela produzidas como um campo frutífero para estudos e pesquisas, é necessário atentar para o modo de endereçamento, considerando as imagens como estratégia de governo para, assim, desconstruí-las. Elizabeth Ellsworth (2001) reflete acerca do modo de endereçamento em relação aos filmes. Entretanto, é possível generalizar esta reflexão para todo e qualquer tipo de imagem. Mas o que é isso, o modo de endereçamento? É o processo de produção de imagem para um determinado tipo e/ou grupo de espectador(a). Desse modo, as imagens não são produzidas aleatoriamente, mas, ao contrário, estas são construídas a partir da possibilidade de sua "sintonia" com o público-alvo. Assim, as imagens respondem aos gostos de mercado, às fantasias, aos desejos, todos interconectados com as mais variadas construções de gênero, etnia e sexualidade. O modo de endereçamento precisa atingir uma multiplicidade de subjetividades, conectando imagem-público, atendendo às mais variadas expectativas.

Para ler as imagens criticamente, é preciso desvelar o que querem seus produtores e saber a quem estas são endereçadas. Ellsworth afirma que a estrutura do endereçamento não é visível, na verdade parece mais com uma estrutura narrativa convocando o(a)

expectador(a) a se manter em determinada posição-de-sujeito, a partir da qual este(a) deve ler a imagem. A autora chama a atenção para o fato de que há contestação quanto ao modo de endereçamento, visto que os filmes, os desenhos animados, as propagandas de televisão, apesar de serem feitos para alguém, visando e imaginando determinados públicos, não podem ser inteiramente controlados por quem os produz, pois é preciso considerar o caráter histórico do poder de endereçamento, a diferença e o posicionamento social fluido, o que é capaz de alterar a posição do público e o que este pode fazer dele.

Ainda assim, o modo de endereçamento de uma imagem consiste na atenção/preocupação com o público, pois as imagens precisam “funcionar”, fazer sentido (fazer rir, chorar, torcer, odiar), levando o(a) expectador(a) a estabelecer uma relação específica, subjetiva, com a história e as imagens. Os efeitos das imagens endereçadas atingem seu ponto máximo no momento em que regula subjetividades a partir de gênero, etnia, sexualidade. Considerando isso, é possível afirmar que existem imagens endereçadas para garotos brancos, jovens negros, trabalhadoras, donas-de-casa, professoras, meninas de classe média etc.

Ainda que haja um endereçamento e uma intencionalidade na produção das imagens, é possível, através da cultura da transgressão, da contestação à autoridade cultural da mídia, usar da criatividade e abrir os fechamentos em que as imagens estão encerradas. Esta é uma atitude que parte da abertura diante do desprezo com relação aos produtos da mídia, pois o que importa é assisti-los, não como simples entretenimento, mas como tarefa política com força mobilizadora necessária para a compreensão e a ação diante da multiplicidade de formas simbólicas distribuídas. Para tanto, é necessário tomar as imagens midiáticas e seus múltiplos significados como objetos de pesquisa.

Grande quantidade de pesquisas foi dedicada à natureza e ao tamanho das audiências, sobre os efeitos a curto e longo prazo das mensagens, às maneiras como os ouvintes usam os meios e a gratificação que usufruem deles. Mas esses tipos de pesquisa, por mais interessantes que sejam, não dão suficiente atenção aos contextos sócio-históricos particulares em que as pessoas e grupos de pessoas recebem as mensagens, que significado dão a essas mensagens, o quanto as apreciam e o quanto as integram em outros aspectos de suas vidas, conforme Thompson.

É, então, preciso que as pesquisas se detenham na análise acerca da apropriação dos significados das imagens, na descrição do contexto sócio-histórico das pessoas que as recebem e, ainda, investigar como homens, mulheres, jovens e crianças elaboram discursivamente sobre o texto das imagens e como estas passam a integrar sua identidade e subjetividade.

É imperativo tomar as imagens como objetos de pesquisa, especialmente os filmes considerados tolos, as propagandas casuais e desenhos inocentes, desprezenciosos; é imperioso observá-los para decifrá-los, desocultando seus significados, que têm como objetivo ajustar as subjetividades à sociedade, através de uma pedagogia cultural, que, estimulando a imaginação de homens, mulheres e crianças, ensina a ser e agir de uma certa maneira.

É preciso analisar como as imagens investem, especialmente sobre crianças e jovens, através da chamada pedagogia da mídia que utiliza as mais variadas representações culturais, atentando para a linguagem, as cenas, as canções, as cores, os movimentos, os sons, pois estes também instituem comportamentos. Talvez seja o momento de perguntar: como as imagens investem nas subjetividades e identidades infantis? Quais seus efeitos sobre as subjetividades? O que é impresso nestas subjetividades? As crianças resistem a essas imagens e seus significados? Como?

Algumas Considerações

Termino este artigo, reafirmando minha crença nas amplas possibilidades deste novo tema, que a realidade apresenta, enquanto objeto de pesquisa. É preciso, assim, ampliar o olhar, considerar o que muitas vezes parece irrelevante e banal, pois aí é possível encontrar uma rica teia de significados, o que pode levar à compreensão das formas de ser, pensar e agir do sujeito hoje. A partir dos Estudos Culturais é possível considerar as imagens e seus múltiplos significados como fonte de pesquisa para, observando-as, capturá-las, decodificá-las e interpretá-las através do alfabetismo crítico e do modo de endereçamento, que se constituem enquanto possibilidades na tentativa de compreender o processo de construção de identidades e subjetividades de homens, mulheres e crianças neste tempo.

BIBLIOGRAFIA

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. & GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2001.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira L. et al (orgs.) *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Nunca Fomos Homens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FURLANI, Jimena. Juventude, Escola e Mídia. In: LOURO, Guacira L. et al (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIROUX, Henry. *Actos Impuros: a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

GIROUX, Henry. Disneyzação da Cultura Infantil. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antonio F. B. *Territórios Contestados*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

NELSON, Cary et al. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SABAT, Ruth. Quando a Publicidade Ensina sobre Gênero e Sexualidade. In: SILVA, Luiz H. (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Boaventura S. *Um Discurso sobre as Ciências*. 11ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SCHMIDT, Sarai. De Olho na Mídia. In: VEIGA-NETO, Alfredo et al. (orgs.). *Educação em Tempos de Globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, Tomaz T. *O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz T. *O Que É, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era das mídias de comunicação de massa*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.